

Filhos da terra, quase órfãos

Em busca do ouro, mineradores ameaçam ocupar novas terras indígenas

Linda Kogure

O maior problema indígena, hoje, é o novo boom da mineração. Esta é a opinião da diretora do Museu do Índio, Cláudia Menezes, que esteve em Vitória, a convite da TVE, para participar de um debate e para uma visita "relâmpago" à reserva indígena de Santa Cruz (Aracruz). Cláudia justificou sua preocupação porque houve um mapeamento muito detalhado nos últimos anos, através de satélites, que permitam a ampliação das informações sobre as jazidas importantes de diamante, ouro, casterita.

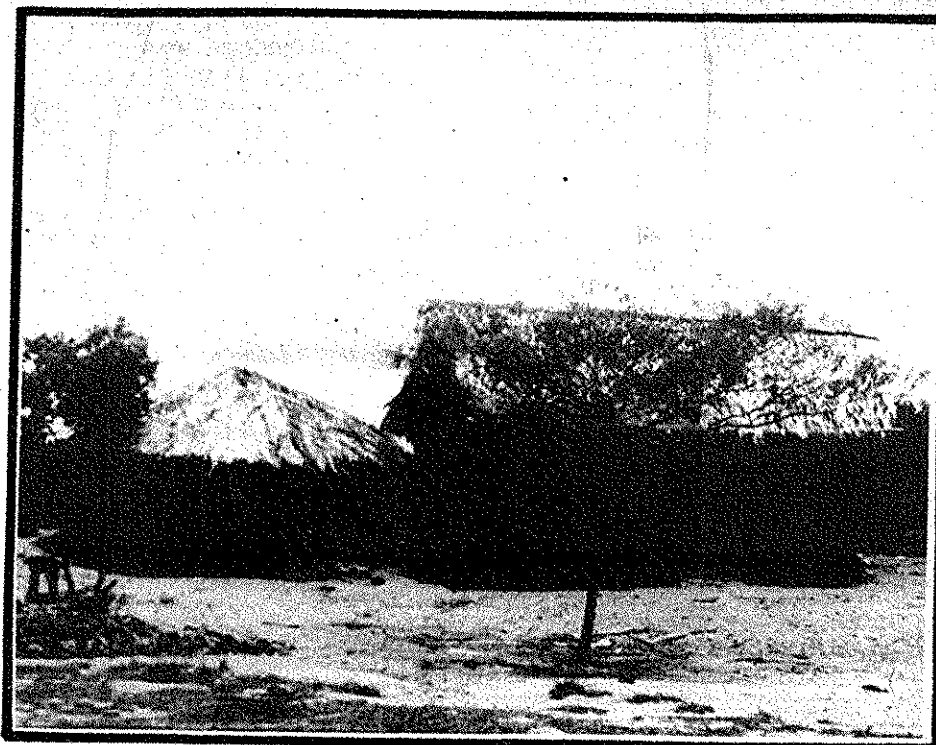
Com este mapeamento, explica, as áreas se tornam alvo dos seis grandes grupos multinacionais que exploram este tipo de mineração, as empresas que têm alvará para pesquisa ou para exploração num território equivalente a Portugal, Espanha, Itália, Alemanha, Inglaterra, juntos. "São milhares de quilômetros quadrados e o subsolo brasileiro está nas mãos das grandes empresas internacionais ou de companhias coligadas a este grande capital internacional".

Claro que, infelizmente para os índios, há uma "correspondência entre seus territórios tradicionais e essas enormes jazidas". Cláudia explicou que atualmente, com essa discussão na Constituinte, tentou-se viabilizar um dispositivo que preservasse o subsolo para a exploração mineral em função do direito de posse que os índios têm sobre seus territórios. E isso não interessa ao poder econômico. Ela afirmou que há "uma pressão violentíssima nos últimos dias para que esses dispositivos constitucionais sejam derrubados e que essas áreas sejam liberadas para a exploração".

Prejuízo

E é assim que os índios "dançam" mais uma vez. "Os índios serão extremamente prejudicados, porque há uma mudança violenta de ecologia quando entra uma mineradora. Depois, levadas de garimpeiros são atraídas para a região e é difícil de controlar essa migração súbita, que faz explodir uma cidade dentro de uma área. Ontem foram mortos quatro índios numa área de casterita em Rondônia. Os garimpeiros levam consigo uma vida desorganizada, por força da própria atividade".

O confronto com os índios acaba sendo inevitável. Além dessa vida desorganizada, em termos de relações sociais, os garimpeiros levam, geralmente muitas



A cada dia a ocupação das terras pelos índios torna-se mais difícil

doenças. Cláudia Menezes afirma também que o "trato" com os índios é brutal. Muitas vezes, as índias são prostituídas neste processo. Por isso, para ela, "é de todo desaconselhável essa relação entre garimpeiros e sociedades indígenas".

Outro fator importante na opinião da diretora do Museu do Índio, é que quando este se torna um "parceiro" deste tipo de exploração significa uma entrada de capital "violentíssima", numa sociedade que, até então, era apenas de comunicação oral e que não tinha moeda, ou seja, troca direta. Isto, explica a antropóloga, interfere diretamente na estrutura política, econômica, social e nos valores daquela sociedade. "É uma violência simbólica que se faz".

Tática

Se a opressão não diminuiu para os indígenas, eles, pelo menos, mudaram sua tática de luta, de uns tempos para cá, hoje já é comum se noticiar que brancas são pegadas como reféns para que determinada área de terra seja delimitada como reserva indígena. A antropóloga afirma que há um movimento organizado dos índios. Eles têm uma aliança tática, porque não existe uma disputa pelo mercado de trabalho. "São sociedades organizadas por sua história, com três, quatro mil anos de existência. Eles são perfeitamente capazes de acompanhar este processo político sem nenhum nível de competição". E isso, na opinião de Cláudia Menezes,

e acabam vendendo sua mão-de-obra, saindo de suas áreas demarcadas ou não para sobreviver vendendo sua força de trabalho em fazendas ou vivendo de artesanato. Tudo mal-remunerado.

Para outros grupos, como os do Vale do Jaguarí, com pouco tempo de contato, a maior preocupação é com a demarcação prévia de suas áreas "antes que ocorra o que aconteceu durante toda a história brasileira: os índios são atraídos para, rapidamente, ser dizimados, perder sua população ou ter suas terras invadidas".

Problemas

Sobre sua visita à reserva de Santa Cruz, em Aracruz, Cláudia Menezes lamenta que tenha sido tipo "relâmpago", ou seja: pouco mais de uma hora. Nessa passada "meteórica" esteve com as crianças na escola e tomou conhecimento dos problemas locais. Os índios reclamam de uma mata que foi excluída da área demarcada pela Aracruz Celulose. A diretora lamenta a forma como esta empresa ocupou as terras indígenas. Lembra que os guaranis foram para lá em 64, ocuparam uma área junto com os tupiniquins e nesse período, até a regularização da área, a "Aracruz os expropriou violentamente, tinham quatro mil hectares e, hoje, têm por volta de 220 hectares".

Por incrível que pareça, a primeira impressão da antropóloga é de que "os guaranis não demonstram que estejam mal".

"Ao contrário, fiquei satisfeita. A gente sabe desta história de luta, das iniqüidades cometidas contra eles, que sofreram uma perda territorial real, muita violência. Mas hoje, pelo depoimento das lideranças, pela relação que as crianças têm com a escola, me pareceram bem".

O que mais chamou a atenção de Cláudia foi "o orgulho de sua identidade indígena" que eles ainda preservam.

Cláudia Menezes, diretora do Museu Nacional do Índio, esteve em Vitória e visitou a reserva de Santa Cruz



Helo Sant'Anna